

SÃO PAULO E A EFEMERIDADE DO MODERNO: O Hotel Victoria e sua trajetória através dos periódicos na primeira metade do século XX

Letícia Dias Muniz¹

Artigo recebido em: 22/02/2022.

Artigo aceito em: 22/07/2022.

RESUMO:

O artigo analisa a formação e a remodelação do centro da cidade de São Paulo durante a primeira metade do século XX, tomando como objeto de estudo o Hotel Victoria, localizado no Largo do Paissandu. Para isto, debruçou-se sobre matérias e anúncios publicitários dos periódicos mais relevantes da época, visto que eram eles os responsáveis por ditar o ritmo da vida social na cidade, retratando a busca insaciável por aquilo que era novo, bom e moderno. Em seguida, aborda-se a reformulação desse conceito, representada, sobretudo, na aplicação do Plano de Avenidas de Prestes Maia.

PALAVRAS-CHAVE: Hotel Victoria; modernismo; patrimônio edificado; Plano de Avenidas.

SÃO PAULO AND THE EPHEMERALITY OF THE MODERN: the Hotel Victoria and its trajectory through the newspapers in the first half of the 20th century

ABSTRACT:

The article analyzes the formation and remodeling of the city center of São Paulo during the first half of the 20th century, taking as object of study the Hotel Victoria, located in Largo do Paissandu. For this, focused on articles and advertisements from the most relevant periodicals of the time, since they were responsible for dictating the rhythm of social life in the city, portraying the insatiable search for what is new, good and modern. Then, the reformulation of this concept is approached, represented, above all, in the application of the Prestes Maia's Avenues Plan.

KEYWORDS: Hotel Victoria; modernism; built heritage; Plan of Avenues.

1. Introdução

¹ Graduanda no Bacharelado em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7499892006688295> ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5104-5095>; E-mail: leticiasmuniz@hotmail.com.

O final do século XIX foi um período de grandes mudanças para o Brasil. No alvorecer da República, a ordem era progresso e todo o “atraso” atribuído ao império e ao período colonial deveria ser descartado. O conceito de civilidade e bom-gosto era determinado pelo estilo de vida europeu, mais precisamente nas capitais como Londres e Paris. Em São Paulo, a elite projetava a modernidade investindo na industrialização, em ações como a expansão da cultura cafeeira, loteamento de grandes propriedades, êxodo das populações urbanas, criação do parque industrial paulistano, aumento de vias férreas, afluxo de capital estrangeiro e aumento expressivo da imigração— que serviria como mão de obra e explodiria nas décadas seguintes (COSTA, 2010, p.45). Esses processos culminaram em transformações socioeconômicas, demográficas e urbanísticas (BRAGLIA, 2010, p. 527 e 528).

Com a abertura da Avenida Paulista em 1891 e a construção do Viaduto do Chá no ano seguinte, criava-se uma ligação do “Centro Velho” com a “Cidade Nova”. Sob a administração de seu primeiro prefeito, o ex-conselheiro do império, Antonio da Silva Prado, o centro da cidade crescia priorizando o saneamento e embelezamento; como citado por Nádia Braglia (2010, p.529), “na virada do século a cidade parecia um canteiro de obras”. Praças, becos e ruas foram remodelados e as avenidas foram arborizadas à moda inglesa, dando uma atmosfera europeia para a região que ficaria conhecida como Triângulo Central, formado pelas ruas Direita, Quinze de novembro e São Bento. Levando em consideração a importância que essa área e seus arredores tiveram para a consolidação de um centro comercial em São Paulo, este artigo foca neste recorte geográfico, tendo em vista analisar a rapidez com que as mudanças eram aplicadas e compreender quais as intencionalidades por detrás delas.

Com o crescimento expressivo, explorado mais a frente no subtópico *A cidade moderna*, a capital do estado precisava tanto de mão de obra quanto de investidores, mediante a isso, houve um investimento massivo na imigração.

Especialistas no ramo da hotelaria durante o século XIX, foram alguns destes imigrados os primeiros grandes empresários desta área, tornando-se grandes investidores, arquitetos, artesãos e industriais que iriam erguer os grandes hotéis paulistanos. Os edifícios construídos no Triângulo Central e nas imediações “passaram a representar a expansão econômica e uma sociedade que procurava uma permanência maior na cidade” (MONTEIRO, 2006, p.27).

Próximo a esta região, mais precisamente no Largo do Paissandu, seria inaugurado em 15 de janeiro de 1921 o Hotel Victoria. Propriedade de Alfredo Migliori, o estabelecimento ocuparia páginas e páginas de jornais – o maior meio de comunicação da época, que anunciariam desde seus quartos com energia elétrica, telefone e água encanada e sua filial localizada próximo a sede até suas dificuldades financeiras e mudança de proprietário. Através desses periódicos, mais enfaticamente em seus cadernos de anúncios, foi possível traçar a vida útil do hotel, exposta no subtópico *O Hotel Victoria e sua trajetória através dos periódicos*. Após uma década de funcionamento, some dos registros da imprensa, que se preocupava em informar assiduamente a população sobre o intenso processo de verticalização que começou nos anos 1930, retratada em *O Plano de Avenidas e as mudanças na cidade*, transformando São Paulo em uma cidade de arranha-céus, visualmente mais próxima da metrópole que vislumbramos atualmente.

2. A cidade moderna

Na virada do século o trinômio café-ferrovia-imigração foi responsável pela alteração das bases econômicas e pelo crescimento exorbitante da cidade. Sob a administração Antonio Prado, as ruas, praças e becos foram remodelados a fim de atender às novas demandas da civilização. Essas obras foram, em suma, responsabilidade do escritório de arquitetura de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, paulistano que concluiu seus estudos de Engenharia e Arquitetura na Bélgica e se tornou o “arquiteto oficial da cidade”, conferindo às construções

públicas, dentre elas o Theatro Municipal, certa suntuosidade e monumentalização característica de obras europeias (BRAGLIA, 2010, p. 528).

Nesse momento a esfera pública torna-se o foco e a relação entre as pessoas e as grandes avenidas se aprofunda. Elas passam a ser “não só esteio da vida social e cultural da capital, mas o principal modelo do imaginário modernizador da República” (MONTEIRO, 2006, p.57). A elite procurou impor um novo modo de vida moderno, que significava ser civilizado, ou seja, saber praticar a etiqueta e ter um estilo de vida todo europeu. Assim, passaram a frequentar cafés e restaurantes inspirados no estrangeiro, participavam de audições musicais e saraus literários e se hospedavam em hotéis cujo estilo arquitetônico se assemelhava muito aos teatros. Como citado por Ana Carla Monteiro (2006, p. 51 e 52),

Assim, teve início um processo de expansão da área urbanizada através do retalhamento das chácaras em seu entorno para a implantação descontrolada de loteamentos por toda parte. (...) A cidade, com este crescimento alucinado e acentuada modernização tornou-se fonte e foco de uma criação cultural nunca imaginada. O teatro e os grandes espetáculos eram difundidos na cidade. São Paulo tornou-se um elemento vivo e, sobretudo, dinâmico. O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um ‘despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está’.

Com a construção da Estação da Luz entre 1895 e 1901, símbolo de modernidade na metrópole do café, os antigos hotéis do Triângulo Central tornaram-se insuficientes. Surge então um novo eixo da hotelaria paulistana digno de destaque: os hotéis da Rua Mauá. Eram eles, Hotel do Comércio, Hotel Roma e Hotel Federal Paulista, construídos em alvenaria de tijolos, eram prédios de três pavimentos com implantação seguindo o alinhamento da rua, o que havia de mais moderno na época (MONTEIRO, 2006, p.44 e 46). O ramo da hotelaria cresceu tal qual a capital; em 1920, São Paulo contava com vinte e cinco hotéis, dez anos depois, quarenta e nove (ibid, 2006, p. 67).

É neste período que o conceito de modernidade se torna quase que uma obsessão. Como citado por Nicolau Sevcenko (2000, p. 227 e 228), a palavra “moderno” se torna a palavra-ação, a palavra-origem, a palavra-futuro. Se tornando um fetiche que evoca prestígio quando atrelado a algum objeto ou construção, ela “introduz um novo sentido à história, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela sua índole não a partir de algum ponto remoto do passado, mas de algum lugar no futuro”. O termo adquire um local na fala cotidiana principalmente através dos periódicos que circulavam na cidade, sendo muito utilizado em anúncios. Estes, foram de grande importância para a economia da época.

3. O Hotel Victoria e sua trajetória através dos periódicos

Os periódicos eram o melhor meio para a circulação de informações no início do século XX. Estes acompanhavam o crescimento e a diversidade presente na cidade, pois possuíam diversos focos; artísticos, políticos, informativos e até cômicos. Na década de 1920, já existiam quarenta e sete em circulação, os mais notórios – como *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano*, dedicavam de duas a quatro páginas apenas para publicidade. Através delas, é possível acompanhar a trajetória dos estabelecimentos comerciais, principalmente daqueles localizados no centro. De acordo com Ana Luiza Andrade (2020, p. 109), as propagandas exerceram um papel importante na construção do imaginário acerca da modernidade, disseminando através das páginas dos jornais uma nova forma de sociabilidade.

É nesse contexto que o Hotel Victoria é construído, assim, devido à importância social que detinha, foi possível traçar a trajetória do estabelecimento se debruçando sobre os anúncios dos periódicos de maior notoriedade da época, disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Sua inauguração foi noticiada por jornais como o *Correio Paulistano* e o *II Pasquino: Coloniale* – voltado para a comunidade italiana, mas ganhou um destaque especial nas páginas do *O Combate: Independência, Verdade, Justiça* e no *A Cigarra*. Construído especialmente para

o fim a que se destinava, o projeto foi feito pelo arquiteto húngaro William Fillinger, que anos mais tarde projetaria o Edifício Martinelli. Seus seis pavimentos eram compostos por cinquenta e dois quartos descritos como arejados e amplos, como citado pelo *O combate*

“O predio, de bello estylo architectonico, foi construido pelo engenheiro W. Filinger e compõe-se de 52 quartos arejados e amplos, mobiliados com muito bom gosto, além de 6 ‘apartamentos’. O sr. Alfredo Migliori não poupou esforços para que os viajantes encontrassem no Hotel Victoria o conforto necessário. Todos os quartos têm luz directa e gozam de uma esplendida vista panoramica, pois todos elles são de frente. Possuem tambem agua corrente e telephones.

No andar terreo foram installados dois vastos salões, um de jantar e outro de visitas. O salão de jantar é dotado de um elegante coreto para a orchestra. Completa as exigencias do hotel um salão de barbeiro, dirigido pelo Sr. Emilio Porcari. Durante a inauguração, o sr. Alfredo Migliori offereceu aos convidados finos doces e licores em profusão, sendo o proprietario muito felicitado.

São Paulo, com a inauguração do Hotel Victoria, fica possuindo um estabelecimento digno de seu progresso“. (17 de janeiro de 1921, p. 1).

Figura 1: Cartão postal dos anos 20 com o Hotel Victoria no centro.



Autor desconhecido. Fonte: Acervo Estadão.

Desde então, não era difícil encontrar o nome do hotel nas páginas de publicidade. O conteúdo destes anúncios variava dependendo do público alvo do periódico e é interessante perceber como os conceitos de modernidade, já discutido nos tópicos anteriores, se faziam presentes. No *Estado de S. Paulo*, era descrito como “preferido pelas excelentíssimas famílias e cavalheiros, restaurante de primeira ordem”, atribuindo o hotel a uma atmosfera *chic* e sofisticada.

O *Combate* frisava o telefone e água corrente em todos os quartos, o *II Pasquino: Coloniale* enfatizava o nome do sr. Migliori e o *Correio Paulistano*, um jornal mais popular, os preços módicos; os dois últimos também o chamam de “o mais moderno de São Paulo”. De fato, estes atributos colocavam o Hotel Victoria em uma posição vantajosa dentre os demais. Além dos já citados hotéis da Rua Mauá, outros estabelecimentos que obtiveram destaque na época foram os vizinhos da Avenida São João, Hotel Central (1915), por ter sido o primeiro a possuir quatro pavimentos, e o Hotel Britânia.

Figura 2: O Estado de S. Paulo, 2 de setembro de 1924

Figura 3: O Combate: Independência, Verdade, Justiça, 1921 ed. 01865.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 4: II Pasquino: Coloniale, 1921 ed.00692.





Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 5: Correio Paulistano, 1921 ed.20682.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Aparentemente, tudo ia bem para o moderno hotel. No início do ano de 1922 é anunciada a abertura de sua filial, localizada na Avenida São João, dotada de “todos os requisitos indispensáveis a um estabelecimento que tem de atender excelentíssimas famílias e cavalheiros” (O combate, 1922, Ed.02071). O novo edifício prometia o mesmo conforto e luxo de sua sede. Talvez tenham sido os ares do progresso e a euforia do sucesso que incentivou a abertura de uma filial, mas os registros indicam que não foi uma boa empreitada; em agosto do mesmo ano, O *Combate* (Ed. 02158) anunciava a dispensa dos funcionários de sala e cozinha que, após terem conseguido um aumento, tiveram de ser dispensados visto que pela falta de hóspedes e fregueses avulsos, não era possível continuar com a casa aberta.

Analisando as fontes, é perceptível a instabilidade financeira do Hotel Victoria. A filial, que tampouco recebeu a mesma atenção da imprensa, foi citada pela última vez em 1924 em uma nota assinada pelo proprietário, com o teor muito diferente da citada anteriormente

“O proprietario deste estabelecimento tem a honra de participar aos seus distintos freguezes e amigos que, devido á grande quantidade de pedidos de commodos sem pensão, não sendo sufficiente a Filial (...) revolveu suspender o serviço de Restaurante a começar do dia 1º de Maio em diante podendo assim satisfazer os innumerados pedidos da sua escolhida clientela.” (1924, ed. 02668. p. 2)

No ano anterior, havia sido mencionado junto de outros grandes hotéis como o Esplanada e o Palace Hotel, com a premissa de que “no capitulo, pois, de hoteis, S. Paulo esta bem servida, podendo sem receio, rivalisar-se com muitas cidades européas”(O combate, 1923, Ed. 02371, p.1). Contudo, no decorrer da década, as aparições do estabelecimento foram do caderno de anúncios para as páginas criminais. Foi palco de diversas tentativas de suicídio e até de prisão de dependentes de ópio, mas o grande destaque foi para o ocorrido em 9 de novembro de 1927; o conde Francisco Frola, conhecido político italiano, recebeu em seu quarto uma ameaça de morte vinda de um homem cujo a identidade lhe era desconhecida, este se identificou como um enviado de Mussolini para combater a campanha antifascista. O incidente recebeu a atenção de diversos veículos de imprensa, tendo destaque especial na capa da *Folha de S. Paulo*.

No mesmo ano foi incluído na lista de edifícios mais altos da cidade, em uma matéria do *Diário da Noite* (1927, Ed. 00853, p.1) com o título “S. Paulo, a metropole sul-americana dos arranha-céus – o ‘diario da noite’, realizando uma curiosa reportagem, apresenta aos seus leitores a lista dos 100 mais altos prédios da capital paulista”. Começa a aparecer também o nome daquele que viria a ser o próximo proprietário, o também italiano João Solazzini, anunciado oficialmente em 1928. É a partir desse momento que os registros se tornam escassos. Os anúncios passam ser

cada vez mais pontuais e as manchetes sobre hóspedes conhecidos no ramo da política ou do esporte se mesclam com hotéis com o mesmo nome, que foram abertos em cidades do interior como Campinas e Presidente Prudente, ou até mesmo na própria capital em lugares mais afastados do centro.

Seus últimos anúncios encontrados datam do ano de 1931, salvo a exceção do *Estado de S. Paulo* que é publicado no início do ano seguinte. O *Diário Nacional: A democracia em Marcha* (1931, Ed. 01290, p.5) cita seu nome pela última vez no relatório do Fórum Civil daquele ano, onde a falência de Solazzini é requerida “Foram requeridas ontem, as decretações das seguintes falências: Joao Solazzini, estabelecido á rua Antonio de Godoi, com o Hotel Victoria, por parte da sociedade Importadora Brasileira Ltda (2º vara / 3º ofício)”. O Sr. Solazzini volta a ser mencionado próximo aos anos 40, administrando um hotel no litoral paulista.

Ainda que a falta de informações coloque em dúvida o exato momento em que o Hotel Victoria encerrou seu funcionamento, não é incoerente supor que ele não resistiu à instabilidade financeira, que não mostrou melhoras depois da troca na administração. Os jornais não noticiaram seu fechamento e não foi encontrada publicidade de nenhum outro empreendimento que tenha ocupado o edifício. A permanência deste só pode ser comprovada até 1940 através de uma foto tirada por Sebastião de Assis Ferreira, um registro dos últimos anos da construção que já não poderia mais ser considerada um símbolo de modernidade. Em 1935 o *Correio de S. Paulo* já anunciava o que estava por vir, “prédios velhos que caem e prédios novos que se levantam (...). Uma febre de progresso sacode S. Paulo inteiro, que se renova ao tinir das picaretas empregadas na demolição de prédios velhos”, era o Plano de Avenidas de Prestes Maia em ação, a provável causa da demolição do Hotel Victoria que, em uma imagem datada entre 1940-1950, já não existia mais.

Figura 6: Largo do Paissandu em 1940, Hotel Victoria à direita.



Figura 7: Largo do Paissandu entre 1940 e 1950, ao fundo, a esquina onde o hotel era situado.

4. O Plano de Avenidas e as mudanças na cidade

Desejando a Foto tirada por Sebastião de Assis Ferreira. Fonte: Acervo fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo / Secretaria Municipal de cultura. Plano de Avenida: ...ião oeste do Vale do Anhangabaú e a Praça da República, onde o comércio crescia cada vez mais. Maia acreditava que o Triângulo Central havia saturado, identificava três principais problemas na região: dificuldade de acesso, exiguidade da área e cruzamento de correntes externas (COSTA, 2010, p.50). O foco era a criação de um



sistema viário baseado em três pilares: “o Perímetro de Irradiação, que envolveria a área central; ‘boulevares externos’, que seria executado a partir da remoção de linhas férreas e ‘parkways’, um circuito que ligaria as marginais dos rios Pinheiros e Tietê

com o Ipiranga e Tamanduateí?”. Sugeriria também a distribuição de prédios públicos, imposição de linhas de transporte coletivo e a facilitação de acesso à região do Centro Novo (ibid, 2010, p.49 e 50).

Essas reformas de circulação viriam acompanhadas da construção de um novo cenário urbanístico. Velocidade e altura tornaram-se as novas necessidades modernas, o governo, junto da iniciativa privada, incentivava cada vez mais a construção de espaços diferenciados. Por meio de uma legislação, os lotes foram tomados por edifícios que marcavam a paisagem por seus designs arrojados e inovadores. Neste momento, o conceito do que é moderno passa por uma ressignificação e equipara-se ao que é limpo, racional e alto; o Serviço de Patrimônio Histórico, atual IPHAN, criado em 1937, era administrado por modernistas que acreditavam que o estilo colonial era o verdadeiro estilo brasileiro, assim, as construções ornamentadas com influência europeia construídas no início do século XX foram desprezadas como patrimônio (BORTOLOTTI, 2015).

Os critérios para as construções do centro ainda eram os mesmos da época do Hotel Victoria, contudo, impunha uma altura mínima até nas ruas menores. Esse estímulo teve mais impacto na região de atividades comerciais mais intensas, conhecido como Triângulo Comercial, e em outros logradouros de grande importância como: Largo São Bento, Largo da Sé, Avenida São João, e as ruas Marechal Deodoro, Xavier de Toledo, Líbero Badaró e Antônio de Godói (COSTA, 2010, p.94). Diversas funções foram implantadas no Centro Novo, dentre elas atividades culturais, habitação, serviços públicos e comércio. Assim, corredores-ruas, liberação do térreo e construção de galerias (que surgiram na década de 1930 como uma solução para a escassez de lotes) enfatizavam a intimidade e a conseqüente falta de limite entre espaços internos e externos, públicos e privados, o que garantiu aos edifícios uma forte relação com o espaço urbano.

A presença de colunatas era comum dentre nestes edifícios, dentre eles destacavam-se os cinemas. No Largo do Paissandu, o Cine Paissandu (1958)

“apresentava em seu pavimento térreo uma série de pilotis com pé direito duplo que realizava a transição entre a rua e o espaço interno do edifício, criando um espaço de espera fortemente conectado com a calçada, numa área de interesse a verticalização” (COSTA, 2010, p. 131). Importante realçar que o Largo já havia sido remodelado quase duas décadas antes da abertura do cinema, seguindo a Lei nº46 de 25 de novembro de 1940 e, no ano posterior, a Lei nº92 artigo 5º que estabelecia uma altura mínima de trinta e nove metros, correspondentes a onze pavimentos, na localidade (ibid, 2010, p.108).

5. Considerações finais

Erguido no fim da chamada *Belle Époque* brasileira, o Hotel Victoria teve, nem que brevemente, uma posição de prestígio no ramo hoteleiro paulistano. O sucesso estrondoso fez com que o Sr. Migliori investisse em uma filial, foi este o começo do fim. Na nova administração, a falta de pequenos anúncios nas páginas dos periódicos pode ser um indicativo de que o novo proprietário não era tão bem relacionado com os que dominavam a imprensa.

Com o crescimento astronômico da cidade, as características que faziam do hotel um ponto interessante acabaram se tornando ordinárias. O provável período de inatividade do prédio torna a venda do lote muito oportuna para o proprietário. O Plano de Avenidas de Prestes Maia colocava a região em evidência e os padrões arquitetônicos haviam mudado, como pontuado por Sevcenko (2000, p. 228) “o vocábulo ‘moderno’ vai condensando assim conotações que se sobrepõem em camadas sucessivas e cumulativas, as quais lhe dão uma força expressiva ímpar”. Logo, nada além de um arranha-céu poderia ocupar aquela esquina da Rua Antônio de Godói com a Avenida Rio Branco. Esse processo foi muito bem sintetizado por Costa (2010, p. 250)

No Brasil as experiências de abertura de grandes avenidas vieram acompanhadas de um conjunto de dispositivos legais que sugeriram o desenho da arquitetura que deveria se implantar ao longo delas. (...) A execução dessas grandes vias e de construções ao longo das mesmas

defendia a simultaneidade como economia de tempo numa época tão agitada pelas obrigações e compromissos. Simultaneidade presente tanto na disposição de atividades em um mesmo edifício como também em um único contexto urbano. A verticalização também possibilitava multiplicar as possibilidades de simultaneidade em um mesmo pedaço de solo. Os arranha-céus cumpriram essa função, propondo facilitar a vida do homem moderno ao oferecer mais comodidades com menores deslocamentos.

O Edifício Wilton Paes de Almeida, que teria sua construção iniciada em 1960 e sua inauguração sete anos depois, contava com vinte e quatro andares e uma fachada envidraçada; foi o primeiro da capital a ter um sistema de ar-condicionado central e um hall de mármore e aço inoxidável. Com seu design minimalista, foi considerado patrimônio histórico. São Paulo continuou mudando, assim como o conceito de modernidade. O glorioso edifício de vidro do Largo do Paissandu desabou em 2018 devido a um incêndio, na época, já se encontrava depredado e servia de moradia para integrantes do MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (BARIFOUSE; MESQUITA; SOUZA, 2018). Talvez essa seja a única semelhança entre o suntuoso com “pele de vidro” e o Hotel Victoria, ambos foram atropelados pelo crescimento da capital e, em suas respectivas eras de ouro, adorados por sua modernidade.

REFERÊNCIAS

Fontes

II MOSCONE: OPERAZIONI DI CREDITO COMMERCIALE AGRICOLO E POPOLARE. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, 1928. Ed. 00138.

II PASQUINO: COLONIALE. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, 1921, Ed. 00692.

_____ 1921, Ed. 00702.

_____ 1922, Ed. 00758.

_____ 1927, Ed. 00927.

CORREIO DE S. PAULO. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, 1935, Ed. 08833.

CORREIO PAULISTANO. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, 1924, Ed. 21947.

_____ 1926, Ed. 22467.

_____ 1927, Ed. 22836.

_____ 1930, Ed. 23851.

DIARIO DA NOITE. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, 1927, Ed. 00853.

_____ 1928, Ed. 01073.

DIARIO NACIONAL: A DEMOCRACIA EM MARCHA. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, 1931, Ed. 01290.

_____ 1931, Ed. 01315.

FOLHA DE S. PAULO, Acervo Folha de S. Paulo, Edição de 19 de agosto de 1927.

_____ Edição de 9 de novembro de 1927.

_____ Edição de 10 de novembro de 1927.

_____ Edição de 12 de novembro de 1927.

_____ Edição de 19 de novembro de 1927.

O COMBATE: INDEPENDENCIA, VERDADE, JUSTIÇA. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, 1921, Ed. 01693.

_____ 1921, Ed. 01694.

_____ 1922, Ed. 02158.

_____ 1923, Ed. 02371.

_____ 1927, Ed. 00453.

Bibliografia

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. **Contrastes na terra do café: São Paulo entre a publicidade e a crônica nos anos 1920**. Revista Confluências Culturais, Joinville/ SC, v.9, n.2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21726/rcc.v9i2.95>.

BARIFOUSE, Rafael; MESQUITA, Lígia; SOUZA, Felipe. **Do luxo modernista a ocupação precária: a história de mais de meio século do prédio que desabou em São Paulo**. 1 de maio de 2018. BBC Brasil em Londres e São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43963439>.

BORTOLOTTI, Marcelo. **Demolição de prédios históricos foi motivada por arquitetos modernistas**. 8 de março de 2015. Época. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2015/03/bdemolicao-de-predioshistoricosb-foi-motivada-por-arquitetos-modernistas.html>.

BRAGLIA, Nádia Christina. **Pauliceia de ontem: O viver urbano na Belle Époque paulistana**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, PUC/ SP, v.40, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/6149>.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. **Relações entre o traçado urbano e os edifícios modernos no Centro de São Paulo, Arquitetura e Cidade (1938/1960)**. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-11012011-161418/publico/tese_SABRINAFONTENELE.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

MONTEIRO, Ana Carla de Castro Alves. **Os Hotéis da Metrópole: o contexto histórico e urbano da cidade de São Paulo através da produção arquitetônica hoteleira (1940 – 1960)**. Dissertação de Mestrado para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-16052007-151541/publico/Ana_Carla_Diss.pdf~.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: SCHWARCZ, 2000.